LISBOA



Largo de S. Roque

Depois do Rocio, o largo de S. Roque é, sem dúvida, o sitio mais historico e memoravel de Lisboa. Alli se erigiu a famosa torre de Alvaro Paes, e junto d'ella ficava a porta do Condestavel, a ultima que por aquella parte fechava a circunvallação feita por el-rei D. Fernando. Alli foi o cemiterio dos que morriam da peste no reinado de D. Manuel. Alli edificaram os jesuitas a sua casa professa. Alli fizeram os successores de Vasco da Gama palacio para sua habitação. Alli se erigiu a primeira capella das estações da procissão dos Passos da Graça. Alli esteve a residencia patriarchal. Para alli se transferiu e existe a Santa Casa da Misericordia. Alli houve um theatro publico. Alli projectou a camara municipal, no anno de 1837, fazer o mercado das flores. E finalmente, foi este o largo escolhido pela colonia italiana residente em Lisboa, para levantar o padrão commemorativo da alliança matrimonial del-rei D. Luiz com a excelsa filha del-rei de Italia, Victor Manuel.

Do antigo, das obras de tres seculos, só alli existe hoje a egreja e casa dos padres da Companhia.

A torre de Alvaro Paes, do velho chanceller-mór, que tanto concorreu para a acclamação de D. João I, estava já meio derrocada quando D. Sebastião fez mercê d'ella, e de parte da muralha que ia correndo até á porta das Estrebarias del-Rei, no Rocio, aos condes da Vidigueira, descendentes de Vasco da Gama, para alli edificarem um palacio de residencia. Os condes, porém, conservaram intacto o cubelo que ficava encostado á porta do Condestavel, depois chamada postigo de S. Roque, em razão de se ter posto ahi a imagem d'este santo.

Quando porém, em 1836, a camara municipal abriu uma nova rua do largo da Trindade para S. Roque, resolveu demolir todas as barracas que havia no largo, e juntamente o cubelo que restava da torre de Alvaro Paes, com o intento de fazer alli uma praça regular para mercado de flores.

A esse tempo tinha o fallecido contador da relação de Lisboa, Francisco José Caldas Aulete, aforado á casa de Nisa o palacio arruinado que incluia o chão em que estava a torre, e todas as barracas que alastravam o largo de S. Roque, e que alli se tinham feito, a pouco e pouco, depois do terremoto de 1755, que derribára parte do palacio dos Nisas.

A camara intimou este foreiro para demolir quanto havia aforado, dando-lhe por indemnisação toda a pedra de alvenaria e cantaria que se tirasse da demolição da muralha e barracas; e mais os sobejos do chafariz do Carmo, para elle encanar para a casa nova

que estava edificando na calçada do Duque. D'isto se lavrou escriptura aos 17 de maio de 1837.

Logo depois se começou a demolição, e foi n'esse anno que de todo desappareceu aquella memoravel reliquia da torre de Alvaro Paes.

Sabemos que o sr. Caldas fez diligencias para salvar ao menos esse brazão antigo da cidade [1]; mas não o podendo conseguir, conservou e reparou a parte da muralha que entrava pelo jardim da sua casa nova da calçada do Duque, e no lanço mais alto que ficava fronteiro á rua da Condessa, e a cavalleiro do portão da entrada, mandou embeber uma lapida de marmore com a seguinte inscripção: — *Este lanço do muro que el-rei D. Fernando acabou em* 1413, *foi conservado e reparado por Francisco José Caldas Aulete em* 1840.

Este testimunho de amor e respeito ás antiguidades patrias foi commemorado com altissimos louvores pela *Revista Universal*, de que era principal redactor o sr. Castilho, n'um magnifico artigo intitulado: *Homenagem ao antigo e ao moderno*. [2]

Com as obras que modernamente se fizeram na casa nobre da calçada do Duque, comprada pelo sr. A. Florencio dos Santos, tambem esta memoria patriotica desappareceu, ao menos já se não vê da rua.

O cemiterio que existiu no largo de S. Roque data da peste que houve em Lisboa no tempo del-rei D. Manuel. A camara de Lisboa, attendendo a que não bastavam os adros para enterrar os mortos da peste que rebentou no anno de 1506, mandou fazer cemiterios fóra das portas da cidade. Um d'elles foi no monte de S. Roque, encostado á muralha, onde se edificou uma ermida do santo que deu o nome a este monte. E parece que ainda esses não bastavam para tanta mortandade, porque no liv. I do provimento da Saude, que se guarda no archivo municipal, lemos com assombro, ordenar a camara — *que os escravos que morressem de peste se lançassem n'um poço, e se lhes deitasse cal virgem em cima.*

Em 1553 tomaram os jesuitas posse d'esta ermida, por haverem escolhido este sitio para edificarem a sua casa professa. A esse tempo (diz o chronista da Companhia) era o monte coroado á roda de copiosas e formosas oliveiras. D'esta egreja já tratámos n'outro vol. d'este semanario. [3]

Quando em 1586 se instituiu a procissão dos Passos, que da Graça vem a S. Roque, n'este largo se edificou a primeira capella ou passo para as estações que se fazem n'esta procissão. Tambem este passo entrou no arrasamento de tudo quanto obstruia o largo. A irmandade sentiu este golpe como se os camaristas lh'o tivessem dado ácinte. O sr. Caldas, apesar de não ser causador de similhante demolição, offereceu á irmandade uma esmola sufficiente para se edificar outro passo em sitio conveniente, piedoso legado que sua respeitavel viuva cumpriu com religiosa pontualidade.

Não sabemos ao certo quando os condes da Vidigueira, almirantes da India, alli edificaram o seu grande palacio. Quando el-rei D. Sebastião lhes fez doação da torre de Alvaro Paes, e da muralha que descia até ao Rocio, já tinham aforado á camara grande parte do terreiro de S. Roque, que era da cidade. Eis o que diz a este respeito o tombo da camara:

«Tem a cidade um chão, em que está feito um pomar, cercado de parede e muro, junto do mosteiro de S. Roque, entre os claustros e o muro antigo da cidade da banda do sul, o qual foi aforado e encabeçado pela cidade, emphatiota para sempre, ao conde da Vidigueira, almirante, D. Francisco da Gama, com obrigação de lhe pagar de foro, em cada um anno, por dia de S. João Baptista, mil réis, e de laudemio a quarentena do preço por que se vender, por escriptura feita por Christovão de Magalhães, escrivão da camara, aos vinte e um dias de julho de mil quinhentos quarenta e tres annos, de que se acha ultimo possuidor o marquez de Niza. E a medição e confrontações do dito chão é o seguinte: da banda do poente, parte com chão que ha de ficar em adro e terreiro da egreja de S. Roque, e tem ao longo d'elle, do cunhal de uma torre grande que está junto á dita egreja até ao cabo de uma parede de taipa, quatorze varas de largo; e do norte, parte com o claustro novo do dito mosteiro de S. Roque, e tem ao longo d'ella, de comprido, trinta e oito varas e dois palmos; e do levante, parte com chão e pomar do dito conde, que anda mistico com este chão, foreiro á cidade, e tem ao longo d'elle, de largo, vinte e tres varas e um palmo e meio; e do sul, parte com muro e torre antiga da cidade, e tem ao longo d'ella, até chegar á esquina da banda do adro, á feição d'ella, cincoenta e quatro varas e dois palmos de comprido, a qual medição se fez pela banda de fóra, ficando de fóra a grossura das paredes do poente e norte.»

Por este tempo o sitio de S. Roque era *um monturo*, como diz Miguel Leitão de Andrade, na sua *Miscellanea*.

Refere elle que sua mulher, Brites de Andrade, se havia criado nas visinhanças dos padres de S. Roque, n'uma quinta de seu pae, Nicolau Altero, a qual quinta fôra dividida em ruas, como outras d'aquelle bairro (Alto), que todo fôra da sua geração, desde fóra da porta de Santa Catharina até á Esperança, e do mar até aos moinhos de vento além de S. Roque. Que tudo eram campos haveria cem annos (escrevia elle isto em 1629), os quaes se foram aforando em chãos, e fazendo ruas, que se chamavam todas as d'essa nova povoação e bairro, Villa Nova de Andrade, do nome dos aforadores, como ainda se chamava no seu tempo a tudo quanto ia da porta de Santa Catharina até á egreja das Chagas. Que viera a herdar quasi tudo D. Isabel de Andrade, a quem el-rei D. João III casára com Vasco de Pina, alcaide-mór de Alcobaça; a qual ficando viuva, a tornára o dito rei a casar com Martinho da Cunha, que d'ella herdou metade, e seus filhos outra metade d'aquelle bairro.

Que estes, depois de haverem dado *gratis*, a rogos da rainha D. Catharina, o sitio em que se fundou a egreja das Chagas, e a de S. Catharina, fallecendo solteiros, deixaram a outra metade á Misericordia de Lisboa, a quem a comprou o dito Martinho da Cunha, por novo mil cruzados; e conclue dizendo:

E assim tudo se passou da nossa geração dos Andrades aos Cunhas, que hoje o possuem, não nos ficando mais que o nome do bairro, e seis ruas que eu tenho, e são: a da Rosa, a de S. Boaventura, a da Cruz (hoje da Cruz de Soure), a do Loureiro, e a rua Formosa com suas travéssas, e um casal que Martha de Andrade, minha sogra e tia, antes quiz na partilha que uma courella que ia da porta de Santa Catharina até S. Roque, dizendo que a não queria por ser, como era, *um monturo que então chamavam de S. Roque.*

Além do palacio do conde almirante, havia tambem no largo de S. Roque, para a parte da Trindade, esquina da actual rua larga, onde hoje está um hospital inglez, e se vê parte da antiga muralha, uma casa nobre de D. Estevão de Faro, como se deprehende do documento original que temos á vista, e é do teor seguinte:

«Digo eu D. Estevão de Faro, que eu sou contente de fazer troca e escaimbo com o senhor Dom Francisco

[1] Alvaro Paes, depois de aposentado do cargo de chanceller-mór do reino, foi vereador honorario da camara de Lisboa; e quando, por velho e gotoso, já não podia ir á camara, iam os vereadores á casa d'elle.

[2] Rev. Univ. Lisb. t. II.

[3] No vol. V, a pag. 294

da Gama, conde almirante, de um chão que tenho acima do meu sequeiro, e por baixo das suas casas, cordeando do cunhal que á face da rua direita ao canto do muro da cidade para a parte das ditas casas, por outro chão que elle senhor conde tem além do muro da cidade, começando do canto do muro dos padres da Companhia, da banda de baixo junto da nora até o canto da torre, e dalli até abaixo onde se acaba a barcã; assim como a possue o dito senhor conde; e d'este escaimbo e troca me obrigo a fazer escriptura, etc. — Lisboa 28 de julho de 1612.

(Continua) A. da Silva Tullio

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 300)

«Não te posso dizer o que se passou no meu espirito ao ver que existia um vago parentesco funebre entre essa alma, vestida com um corpo celestial, e a minha, e que, antes de nos termos visto, já um sentimento commum nos unia n'esse culto prestado a minha irmã. Será esta, dizia eu entre mim, essa Regina que tanta affeição teve a Clotilde? Mas não era possivel. Clotilde escreveu-me pouco antes da sua morte, mandando-me dizer que perdêra a sua querida Regina, porque esta ia casar, dentro em pouco, com o principe ***. Ora o trajo d'aquelle vulto encantador em nada revelava uma senhora casada. Os seus cabellos sem coifa, o seu vestido negro sem enfeite e afogado, tudo isso era o que usavam as donzellas romanas. Já se vê que não podia ser Regina.

«No momento em que eu dizia commigo: «Mas quem será?» levantou-se a meio, erguendo tambem a cabeça para saudar o altar antes de se ir embora, e viu-me. Não deu nem um grito; ficou com os olhos espantados, com os labios entre-abertos, com os braços estendidos para mim como os braços d'uma somnambula; as suas feições revestiram-se de uma pallidez marmorea, os braços caíram-lhe ao longo do corpo, a cabeça inclinou-se-lhe, as pernas vacillaram-lhe, ajoelhou com a mão esquerda encostada á loisa de Clotilde para não caír, e continuando a contemplar-me. Corri a segural-a nos braços. Como te hei de eu dizer o que se passou no meu espirito, quando senti o leve peso d'essa mulher, não desmaiada, mas pendida no meu peito?

«Levei-a nos meus braços para o ar livre; não fôra mais que um pequeno deslumbramento; n'um instante lhe voltou a côr, o movimento, e a voz. Soltou-se sem ira e sem sobresalto dos meus braços, como se não estranhasse achar-se n'elles. Olhou para a loisa de Clotilde, depois de novo para mim. Parecia um pintor confrontando um modêlo com um retrato; depois, de repente, apontando para o meu semblante com uma impetuosidade, que o gesto e o olhar traduziam, mas que vinha do coração: «O Clotilde, disse ella, é elle porque és tu». Depois continuou com infantina e balbuciante volubilidade: «O senhor é *elle*, não é verdade? E eu sou *ella*. sou Regina! Sou a amiga, a irmã, a filha n'este mundo de Clotilde. Bem vê que a minha vida d'ella vem, com ella se passa, para ella aspira. Se colho duas flores, uma é para os meus cabellos, a outra para o seu sepulchro! Pois não me conhece? eu logo o conheci. Mas creia que me não metteu medo; ainda que fosse o phantasma de Clotilde, não me assustava. Sinto-me tão socegada agora e tão desembaraçada com o senhor, como se fosse meu irmão, e eu sua irmã.

— «Que nomes tão suaves, minha senhora, que me permitte que lhe dê, bradei eu. Irmão, irmã, amigo!

— «Chame-me Regina, peço-lhe, disse-me ella pondo as mãos em attitude supplicante, para eu pensar que estou fallando com Clotilde. Ella não me dizia *minha senhora;* tambem eu lhe não quero dizer *senhor;* quero-lhe chamar *Salucio*.

— «Oh! Regina, disse-lhe eu fazendo-a sentar n'um dos bancos do claustro, e caíndo de joelhos diante d'ella; pois será verdade que a estou vendo? Esperava-me junto do tumulo de minha irmã?

— «Não o esperava, invocava-o, tornou ella pegando-me nas mãos com a ingenua confiança de uma criança que nunca hesita entre o primeiro impulso e uma conveniencia social; sim, bem sei que não sabe, mas sabe-o ella (apontando com um dos dedos para a lapida funeraria). Invocava-o todos os dias alli, n'essa pedra. Dizia a Clotilde: Se queres que eu viva, manda-me a tua imagem e o teu coração, no coração e na imagem d'esse irmão a quem tanto amavas, e que tanto se parece comtigo! E Clotilde respondia-me, accrescentou com gesto de affirmação sobrehumana: «Sim.» Respondia-me, uma voz intima me segredava que havia de resuscitar para mim em nova encarnação, que do seu tumulo haviam de surgir, como surgiu o meu bom irmão (deixe-me-lhe dar este nome), a sua imagem, a amizade que ella me consagrava, com o nome e com as feições do seu querido Salucio! Era verdade? Enganavam-me as suas palavras? Encontrarei eu um amigo simillhante á minha amiga?

— «Oh! acredito que foi um milagre, Regina. Um irmão, um amigo...

— «Cale-se, disse-me ella, pondo-me o dedo nos labios, e cobrindo a sua physionomia radiante com um véo que pareceu apagar a luz que das suas feições emanava. Sou casada, sou princeza***; pelo menos assim o dizem em Roma; mas o meu coração não o diz. Desde que o dei a Clotilde, não o dei a mais ninguem, conservei-o cuidadosamente para o dar áquelle para quem ella o queria. Foi ella que lhe disse que viesse, não é verdade?

«Em fim mil coisas vivas, ingenuas, infantis, estouvadas, subitas, inesperadas, radiantes taes como uma donzella do teu lado dos Alpes não sería capaz de dizer em dez mezes, ainda mesmo que as pensasse. Quem estava embaraçado era eu, e ella era quem me tranquillisava, quem me supplicava, quem procurava incitar-me á familiaridade, como se eu fosse simplesmente uma irmã que apparecesse depois de uma longa ausencia, uma irmã mais velha do que ella, diante da qual désse largas, ao mesmo tempo, a todos os impetos do affecto, e a todas as puerilidades da infancia.

«E tudo isto transparecia n'um olhar, onde scintillava o ceo por entre um orvalho de lagrimas de alegria; tudo isto brotava de um coração que eu via pulsar por baixo do seu fino vestido, e cujas pulsações poderiam contar, sem que eu as sentisse, as horas da eternidade! Oh! paro n'este ponto. Já não posso escrever; posso apenas abrir as janellas, para erguer os olhos para as estrellas, d'onde minha irmã illuminou a minha vida com este divino raio luminoso, e para ver correr o Tibre, que nunca baloiçou no scintillar das suas ondas tal deslumbramento dos olhos de um homem. Para a outra vez te direi o que foi que eu respondi.

P. S. Basta que saibas que esta conversação no jardim do claustro, com os olhos fitos no tumulo de minha irmã, no meio d'esse silencio luminoso da hora da sesta, durou sem ser interrompida até ás *Ave Marias;* que sua ama, que em vão a procurava nos jardins, veiu dar com ella sentada ao meu lado no banco; que Regina deu um pulo para essa mulher que a adora, lançando-me nos braços d'esta, batendo as palmas, e bradando: «É elle»; que me apresentou á sua avó enferma, a qual me recebeu como se eu fosse seu filho; que me levou á cella de minha irmã, cella que lhe per-

tence agora e que está cheia de recordações de Clotilde; que se dirigiu a um retrato da sua amiga, e que lhe disse velando-o: «Já não preciso de ti; tenho o teu retrato vivo. Aqui está elle, e aqui estou eu. Contempla-n'os. Havemos de nos amar, como d'antes nos amavamos, quando elle tinha o teu nome.»

«Que me narrou, em fim, com lagrimas de despeito e com um certo ar de incredulidade, a historia do seu casamento, que não parecia inspirar-lhe muita inquietação ácerca do futuro; que passei a noite com ella, com sua avó e com a sua ama, sentados todos tres ora no jardim do convento, ora no terraço; que me ha de ser franqueada a porta do convento, para poder ir conversar todos os dias com minha irmã; que faço parte da familia, como se eu fosse realmente a sua querida Clotilde resuscitada: que tenho os olhos deslumbrados, inebriada a alma, o coração cheio de sensações; que vivi mais n'essa noite do que nos vinte e tres annos da minha vida, e que, se Deus me désse a optar entre um seculo escolhido por mim, porém em que *ella* me fosse raptada, e o minuto em que, junto da loisa de minha irmã, vi Regina caminhar na minha direcção, depois erguer para mim o lindo rosto illuminado por um raio de luz, não hesitava, meu amigo, acceitava o minuto. Contém em si maior delirio do que a eternidade póde conter. Adeus, adeus, adeus.

SEGUNDA CARTA

«Roma.

. . . .

«Conserva-me estas cartas; se alguma vez nos tornarmos a ver, serão para mim o vestigio da minha vida, que vae agora correndo tão depressa.

«Desde que te mandei dizer o modo como eu me encontrára com a amiga de Clotilde, vemo-nos constantemente duas vezes por dia. Pela hora meridiana, hora da primeira sésta, quando tudo na Longara está em repouso, passo por baixo das janellas de uma porção solitaria do convento, que fica por cima da porta. Alli ha um mirante gradeado, porém o tempo destruiu o gradeamento de madeira, que outr'ora impedia as noviças de serem vistas da rua, quando iam tomar o fresco.

«Regina, que vae lá ter sósinha e em liberdade pelo corredor da cella, alargou um pouco, com as suas lindas mãos, a brecha feita no gradeamento. Chegou até a transformal-a n'uma verdadeira fresta, onde mette meia cabeça, que lhe fica emmoldurada com a hera que se enlaça ás grades. Já conhece o meu passo na rua, mette o braço pela abertura, e deixa-me cair em cima da cabeça um punhado de flores; outras vezes apenas um grão de areia, ou uma folha secca; depois olha a ver se eu a apanho; eu passo para o outro lado da rua, vejo os seus lindos olhos abertos, parecidos com duas urnas azues que se accrescentam á tapeçaria das flores trepadeiras, entrevejo os seus cabellos doirados, que me parecem os filamentos de uma planta desconhecida, contemplamo-nos immoveis agitando simplesmente os labios, cheios de mudas palavras, de confidencias e de sorrisos que vôam nas azas do vento, e assim ficâmos até que eu oiça o passo d'algum raro caminhante resoar n'alguma das extremidades da rua. Então retira-se, eu sigo o meu caminho, e volto ao palacio de meu pae com uma provisão de inebriante ventura para todo o dia.

«Á noite, á hora em que os romanos sáem de caleche para os theatros, para o *Corso*, para as *conversazioni*, aonde eu já não vou, sou admittido pela rodeira, como um parente da familia, no aposento da princeza, que não é obrigada a cumprir todas as regras claustraes. Encontro Regina, que me espera no claustro, junto da fonte, beijo-lhe as mãos com o respeito que um estranho deve mostrar a uma senhora, e com a doce familiaridade de um irmão. Leva-me para junto do canapé de sua avó; conversâmos em socego e em plena liberdade diante d'essa senhora edosa, que parece rejuvenescer com o espectaculo das nossas loucas alegrias de crianças felizes. Só ás vezes envolve-nos a mim e a Regina com um prolongado olhar de tristeza, e parece ter dó de nós sem nol-o dizer. Quanto tempo durará esta felicidade? Quantas horas se contém em dois annos? Porque dentro de dois annos é que o principe lhe deve roubar a neta para a transformar em sua esposa.

Quando Regina repara n'essa inquietação e adivinha o pensamento de sua avó, levanta-se na ponta dos pés e faz parar o ponteiro no mostrador, olhando para Livia: «Não, não, diz ella com esse encantador amuo italiano dos labios infantis, não, não, avó, não pense em tal! Se eu lhe digo que isso nunca ha de acontecer! Não me fallem n'esse principe villão, que me fazem odiar o meu nome! Sou Regina, não sou princeza, nunca o serei!» E olha para mim com um ar de intelligencia, e sorrindo-se, como se effectivamente, fazendo parar o ponteiro, a caprichosa tivesse demorado o tempo.

. . . .

(Faltam aqui sete ou oito cartas de Salucio, nas quaes elle me contava as scenas monotonas da sua ventura, e o desenvolvimento da paixão dos dois amantes).

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 250)

UNHOS, S. JULIÃO DO TOJAL, VIA-LONGA E SANTO ANTÃO DO TOJAL

Deixando o logar de Sacavem, e navegando pelo rio acima, póde-se ir embarcado até ao Tojal. N'este espaço, que não é menos de 5 kilometros, corre o rio entre montes que lhe apertam o leito. As suas margens não são amenas e formosas como as dos rios da provincia do Minho. Faltam-lhes os arvoredos sylvestres, a vegetação pomposa que adorna estes ultimos. Todavia, abstrahindo de comparações, poder-se-hão chamar aprazIveis as margens do rio de Sacavem logo que se passa o logar d'este nome, porque os montes que se levantam de ambos os lados são quintas bem cultivadas.

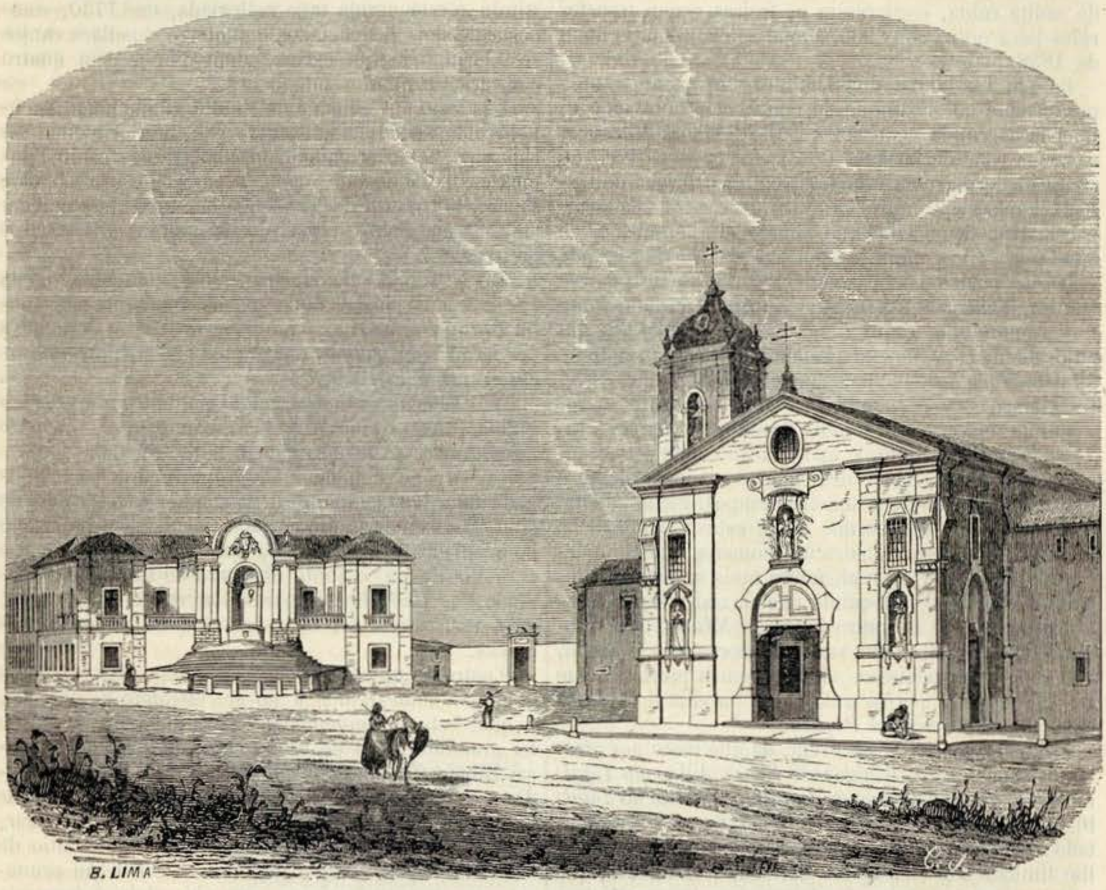
O logar de *Unhos* está junto do rio. Encerra uns 100 fogos, com 350 e tantas almas. É uma povoação muito antiga, pois que a sua parochia, dedicada a S. Silvestre, já existia no anno de 1257, o que consta de uma carta original del-rei D. Affonso III, que se guarda no cartorio da mesma egreja, a qual destroe a opinião do arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que diz, no seu *Catalogo dos Bispos de Lisboa*, que a dita parochia fôra erecta pelo bispo D. Matheus em 1277. Tendo sido assumpto este prelado ao bispado de Lisboa no anno de 1259, que regeu até ao anno de 1282, é fóra de duvida que não foi elle o instituidor d'esta parochia, cujo padroado era da casa de Bragança.

A egreja de S. Silvestre foi reedificada por muitas vezes. Não sabemos se, apesar d'essas reconstrucções, ainda conserva embebida em uma das paredes exteriores um cippo com a seguinte inscripção romana: *Julius: Italicus: Augus: Tal: H. S. E.* Diz em portuguez: Aqui está enterrado Julio Italico, sacerdote de Augusto.

Fica tambem perto do rio o logar de *S. Julião do Tojal*, com 59 fogos, 180 e tantos moradores, e uma

egreja parochial, que dá o nome á povoação. Passa junto d'esta aldeia, em direcção ao norte, a estrada que conduz a Via-Longa. O logar assim chamado acha-se fóra do circulo que traçámos aos arrabaldes de Lisboa. Entretanto, vamos dizer duas palavras a seu respeito, não só para deixarmos consignado n'este roteiro um sitio tristemente historico das cercanias da capital, mas tambem para corrigirmos um erro topographico, que temos visto correr impresso.

O logar de *Via-Longa* está situado em terreno alto e desaffrontado, em distancia de uns 5 kilometros de S. Julião do Tojal, e pouco mais de 15 de Lisboa. Dizem que antigamente se denominava *Villa-Longa*, e que, por abbreviatura ou corrupção, veiu a tomar o nome actual. Comtudo, embora se ataviasse com o titulo de villa, é certo que nunca passou de uma aldeia. É povoação antiga, pois d'ella ha memorias relativas ao anno de 1390, em que os seus habitantes edificaram uma ermida, e pediram permissão ao arcebispo de Lisboa, D. João Annes, para terem n'ella um capellão que lhes administrasse os sacramentos. Quem poderá imaginar que n'esse tempo os pobres moradores de Via-Longa tinham de andar mais de tres legoas, atravessando diversas freguezias, para re-



Palacio patriarchal e egreja de Santo Antão do Tojal

ceberem os sacramentos! A sua parochia era então, e foi ainda por muito tempo, a egreja de Santo André de Lisboa!

D. João Annes, que foi o primeiro arcebispo de Lisboa, mas que, no referido anno de 1390, era ainda bispo d'esta diocese [1], concedeu a licença pedida sem prejuizo dos direitos parochiaes de Santo André.

Correndo o anno de 1440, tornou este povo a representar ao prelado diocesano os grandes vexames que soffria por ter tão distante a egreja parochial. Era governado então o arcebispado pelo cabido, como em *sède vacante*, por se achar desterrado o arcebispo D. Pedro de Noronha, em consequencia de ter seguido o partido da rainha D. Leonor, viuva del-rei D. Duarte, contra o infante D. Pedro, duque de Coimbra, na questão da regencia do reino durante a menoridade del-rei D. Affonso v. Determinou, pois, o cabido que houvesse um cura na ermida de Via-Longa, mas com a condição de usufruir metade dos rendimentos parochiaes, entregando a outra metade ao prior de Santo André, que apresentaria o cura. Ficaram muito satisfeitos os habitantes de Via-Longa, porém o seu parocho foi mais difficil de accommodar, resultando d'isto várias e longas demandas. Por fim de contas venceu o povo, sendo-lhe concedido apresentar o cura, e impondo-se a este a obrigação de dar 8$000 réis annualmente ao prior de Santo André.

[1] O arcebispado de Lisboa foi erecto em 1394.

Encerra o logar de Via-Longa uns 113 fogos e 440 almas, pouco mais ou menos. A sua antiga ermida, reconstruida com mais largueza, é agora egreja parochial, com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção.

Havia n'este logar, ou nas suas visinhanças, dois conventos, um de frades e outro de freiras. O primeiro, intitulado de *Nossa Senhora do Amparo*, e que pertenceu aos religiosos capuchos, foi fundado no anno de 1550, em uma baixa perto do logar da Verdelha, por Pedro de Alcaçova Carneiro, 1.º conde de Idanha a Nova, védor da fazenda del-rei D. João III. Pela extincção das ordens religiosas, requereu a fallecida condessa da Louzã a posse d'elle como repre-

sentante do fundador. Não sabemos o resultado d'esta pretenção.

O segundo convento, dedicado a *Nossa Senhora dos Poderes*, foi habitado por freiras claristas. Fundou-o, no anno de 1561, D. Brites de Castello Branco, filha de Heitor Mendes Valente, alcaide-mór de Terena. Esta senhora tinha pedido licença ao pontifice para fundar um recolhimento de terceiras franciscanas, dedicado a Nossa Senhora da Encarnação; porém o papa Pio IV, na bulla em que deu a permissão, ordenou que a invocação fosse a de *Nossa Senhora dos Poderes*. Conservou-se como recolhimento até ao anno de 1575, em que passou a ser convento, professando as recolhidas a regra de Santa Clara. Achando-se em estado de muita ruina, requereram as freiras serem transferidas para outro convento, o que se effeituou no anno de 1838.

Ha em Via-Longa duas quintas importantes; uma pertencente ao sr. duque de Loulé, com bom palacio, uma rica ermida dedicada a Nossa Senhora da Graça, e bellas ruas de bosque. O palacio foi construido no gosto moderno, com grandeza, pelo patriarcha de Lisboa Mendoça. A outra quinta é da casa de Cadaval, e está situada na aldeia da Alfarrobeira, suburbios de Via-Longa. Tem muito e bom arvoredo, e um grande e bonito palacio, com excellente ermida, no qual se admira, á entrada, um magnifico vaso de porfido. Junto d'esta quinta passa uma ribeira, ao pé da qual está um sitio chamado o *Arraial*. Foi ahi que se deu aquella fatal batalha no dia 20 de maio de 1449, entre el-rei D. Affonso V e o infante D. Pedro, seu tio e sogro, e na qual morreu este sábio e desditoso principe, atravessado de uma setta, e após elle o conde de Abranches, seu amigo leal e dedicado, e o mais valente e extremado cavalleiro d'aquelles tempos. Ficou ao sitio o nome de *arraial* porque n'elle estava acampado o infante com os seus quatro mil homens, quando o accommetteu o exercito real, muito mais numeroso. Foi, portanto, junto d'esta quinta que succedeu aquella catastrophe, e não no outro logar da Alfarrobeira, proximo de Alverca, como varios auctores tem escripto. São duas mui pequenas aldeias com o mesmo nome de Alfarrobeira, porém a do termo da villa de Alverca chama-se *Alfarrobeira Pequena*.

Voltando ao rio de Sacavem, de que tanto nos afastámos, encontra-se o logar de *Santo Antão do Tojal*, mais commummente nomeado *Santo Antonio do Tojal*. Dista de Lisboa 15 kilometros para o norte, e está sentado em uma planicie, mas cercado de montes, que lhe limitam sobremaneira o horisonte. Os olivaes, que se vêem por toda a parte, fazem monotona e triste a paizagem. Comtudo, dá-lhe bastante animação o rio, que, recebendo as marés do Tejo, ahi lhe offerece um porto, frequentado outr'ora por grandes embarcações, até hiates de mais de 120 toneladas, e que hoje, por estar o rio obstruido de lodo, apenas é concorrido de bateis e outras embarcações de fundo chato, e assim mesmo precisam do auxilio das grandes marés.

Conta esta povoação uns 80 fogos, e pouco mais de 250 habitantes. A sua egreja parochial é consagrada a Santo Antão, e data de remota antiguidade. Não consta a era da sua instituição, mas sim que estava erecta no seculo XIII, reinando el-rei D. Diniz. Tambem se sabe que n'esse tempo já esta parochia era do padroado da mitra de Lisboa, a qual possuia uma quinta junto d'esta egreja. O bispo de Lisboa, D. Domingos Jardo, no testamento que fez em 19 de dezembro de 1291, falla d'esta propriedade, chamando-lhe a sua *quinta de Pero Viegas*.

D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 11.° arcebispo de Lisboa, edificou nova egreja, por ser a antiga pequena, e achar-se arruinada; e na quinta contigua fundou um palacio com jardim para vivenda dos prelados lisbonenses durante alguma parte do estio. Fez-se esta obra no anno de 1554, cuja data se vê gravada em uma lapida embebida na parede da torre da egreja.

No segundo quartel do seculo XVIII procedeu D. Thomaz de Almeida, primeiro patriarcha de Lisboâ, a uma tal reconstrucção da egreja e do palacio, que se póde dizer que foi uma nova fundação. Alargaram-se as dimensões do templo; decoraram-lhe o frontispicio com tres estatuas de santos, esculpidas em marmore de Carrara, e mandadas fazer a Italia; guarneceram-lhe os altares com primorosa obra de talha doirada, e foram-lhes doados custosos paramentos e alfaias.

Por essa occasião o mesmo prelado fez prior o parocho, que até então tinha o titulo de vigario, e instituiu n'esta egreja uma collegiada, em 1730, composta de dois beneficiados e quatorze capellães cantores, ficando a dita egreja, além d'isso, com quatro confrarias e quatro irmandades.

O palacio foi egualmente muito augmentado e ennobrecido no edificio, e adereçado interiormente com riqueza, isto é, ornamentado com paineis a oleo, damascos e pannos de Arraz, e porcelanas da China e Japão. O jardim teve grande augmento, sendo tambem aformoseado com estatuas de marmore e dois viveiros de aves.

Não se limitou D. Thomaz de Almeida ás obras da egreja e do palacio. Entre outros melhoramentos publicos que promoveu, tratou de abastecer de agua a povoação, construindo um grande aqueducto sobre arcos, e erigindo chafarizes.

Tem este logar duas ermidas publicas, e outras em quintas. As primeiras tem a invocação do *Espirito Santo* e de *S. Roque*. Esta é muito visitada dos devotos, porque á imagem do santo padroeiro está ligada uma lenda milagrosa da sua apparição n'aquelle sitio. É a capella muito aceiada, e acha-se ornada com bons quadros. Está situada sobre a estrada que vae para Via-Longa, e junto da ponte de um ribeiro chamado *das Gallinhas*. Proximo da ermida ha um poço, cuja agua dizem ser util para algumas molestias cutaneas.

D'entre as quintas e casas de campo das cercanias do Tojal nomearemos a do sr. visconde de Monção, a qual está presentemente em decadencia, mas que foi grandiosa; e a do ex-ministro da fazenda, sr. Casal Ribeiro. E pois que fallámos d'este distincto estadista e financeiro, aproveitâmos o ensejo para reparar aqui uma omissão em que incorremos n'outro logar, deixando de mencionar, quando tratámos do sitio de Marvilla, a pag. 222, a eschola de instrucção primaria para o sexo feminino, que ahi erigiu à memoria de sua virtuosa mãe, no anno de 1860, dotando este estabelecimento com o fundo necessario para sustentar duas mestras, e dar ás alumnas uma refeição diaria. [1]

Nas visinhanças do Tojal acha-se a grande *fabrica de papel da Abelheira*, fundada pelo fallecido conde do Tojal. Occupar-nos-hemos d'ella em outra occasião.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

67.°

CARTA

Leio em Moraes, Dicc., palavra *aqui*, ser erro dizer-se *á que del-rei!* como vulgarmente se usa, e que deve escrever-se: *aqui del-rei!*

Ora, se esta phrase é interjectiva, melhor me parece dizer-se *ah que del-rei!* e não *aqui del-rei!*

[1] O *Archivo Pittoresco* tem publicado nas suas columnas varios relatorios annuaes do movimento e progressos d'esta eschola.

Nos classicos tenho encontrado esta phrase de um e outro modo.

Desejava ouvir a opinião de v. , a qual etc.—*F. C.*

RESPOSTA

Sobre esta duvida do nosso correspondente, escreveu o nosso distincto philologo, o sr. Rivara, a seguinte nota, com a qual inteiramente nos conformâmos.

Anda nas *Ref. sobre a lingua portugueza*, de Candido Lusitano, e diz assim:

«A respeito da expressão *aqui del-rei* vogam opiniões diversas; dizem alguns que é uma phrase ellyptica; que a phrase por inteiro deve ser — *acudam aqui os da parte del-rei;* e, por consequencia, *á que del-rei* é erro vulgar».

Com effeito, escrever *á que del-rei* será defeito, mas não sabemos se errará quem disser e escrever *ah que del-rei*, que póde ser phrase ellyptica da mesma maneira, começando pela interjeição *ah*, e abbreviando, por exemplo, *ah! que venham aqui os homens del-rei!*

Não nos decidimos, como o diccionarista Moraes, a tachar de erronea a expressão *ah que del-rei!* ao contrario (além do uso constante, que per si só não seria sufficiente), ha seguros exemplos, não só d'ella, como de identicas fórmulas de pedir auxilio, v. gr. *á que do povo! á que de Deus!* Vejam-se os exemplos no diccionario publicado pela academia das sciencias de Lisboa, entre outros os de Ceita no plural, e tambem n'este numero o unico de *aqui del-rei*, de D. Francisco Manuel. Ahi mesmo se declara ser esta uma fórmula adverbial com que se invoca e implora o favor del-rei; e n'outros casos uma interjeição de quem se admira, por exemplo: *A que del-rei! vós vêdes aquellas meninas...* — Jorge Ferreira — *Ulysipo.*

Nos *Sermoes Genuinos*, do P. Chagas, 9, 225, encontra-se o seguinte periodo:

«Se os mesmos peccados são gritos, são brados, são *á que de Deus*, tamanhos que rasgam a região das nuvens».

Nada mais temos a accrescentar. SILVA TULLIO.

MEMORIA DO VOTO DE D. AFFONSO HENRIQUES NA SERRA DE ALBARDOS

I

> .... o rei subido
> A tomar vae ....
>
> .... o sempre ennobrecido
> Scalabicastro, cujo campo ameno,
> Tu, claro Tejo, regas tão sereno.
>
> Cam. *Lus.* cant. III est. 55.

Corria o anno de 1147, em que o grande Affonso se achava em Coimbra, tendo, no decurso de oito annos, juntado á coroa de heroe e de vencedor, laureos ramos de victoriosas conquistas.

O inverno tinha passado, succedendo-lhe março com a risonha e festiva primavera, cuja alegria excitava nas praças de Coimbra os festejos e regozijos com que o povo saudava o nascimento do infante D. Henrique, primeiro fructo do consorcio del-rei com a virtuosa princeza D. Mafalda, filha de Amadeo III, conde de Saboya.

Não obstante estas festas, a novidade natalicia, e o contentamento geral, tanto para o rei como para os vassallos, pelo novo successor da coroa e do reino, D. Affonso, embora sensivel ás commoções de pae e de esposo, andava ao mesmo tempo preoccupado com a conquista de Santarem.

Mal podia tolerar a inacção, um genio tão emprehendedor e decisivo, como diz o seu immortal cantor:

> «Affonso que não sabe socegar,
> «Por estender com a fama a curta vida».

Via el-rei com pezar, que, depois dos triumphos e victorias conseguidas, aquelle couto de barbaros, de cabeça altiva, estava affrontando os logares que por aquelles contornos possuiam os nossos, expostos ás subitas devastações que elles com frequencia lhes vinham fazer, voltando logo áquella praça. E não menos conhecia el-rei que este ponto importante, na mão dos moiros, servia de tomar o passo ás armas christãs para o fundo da Estremadura, e tinha, para assim dizer, em guarda a capital dos agarenos, a torreada Lisboa, da qual nunca se apartavam as vistas de D. Affonso.

Estas e outras considerações luctavam em laboriosos projectos na mente de Affonso sobre a tomada d'essa forte praça moirisca, guarnecida por uma poderosa multidão de barbaros aguerridos, tendo por commandante o alcaide Auzeckri, moiro respeitavel, bellicoso, e de grande conceito entre os seus; e, ainda mais, a posição topographica, que era, como diz Duarte Galvão: «tão grave de filhar, que seu avoo El-Rey D. Affonso de Castella nunqua a pudera tomar, se nom por fome, nem esso mesmo Cid Rey Mouro, nem Abdarazaca que teve o senhorio della trinta e quatro annos». Todas estas temerosas consequencias cedem ao genio fogoso e resoluto de D. Affonso, que se afoita a mais esta ardua empreza.

Prefere Mem Moniz, seu fiel cavalleiro, para ir observar a villa, sua guarnição e fortificações, e por onde póde ser tomada, missão que elle cumpre com a pericia que tinha da arte da guerra. Indo e voltando, em segredo, faz a el-rei a victoria possivel, promettendo que iria adiante quebrar as fechaduras das portas, e que seria elle o primeiro a hastear a bandeira sobre os muros da praça. «Então (textuaes palavras do já citado escriptor) mui ledo com o seu recado e esforço, porque entendia, fazendo-se como D. Mem dizia, ha Villa poderia tomar, nom sendo primeyro descuberto, e tanto lhe pareceu que cumpria ser feyto com grande segredo, que nom quiz fallar esta couza a hos do seu conselho em seu Paço, receando-se de poder ser em algum modo ouvido, antes foi hum dia a folgar a ho campo chamado Arnado, e ally (Coimbra) apartou D. Lourenço Vieguas, a D. Guonçalo de Souza, e D. Pero Paes seu alferes, e outros, e contoulhes todo seu intento e proposito do que queria fazer, mandoulhes que ho tivessem em muy grande segredo, sobpena de morte, em tal guiza que ninguem o pudesse entender, em quanto ally estivessem, nem á partida, e ho conselho acabado tornouse ElRey para o Paço, e vindo pela rua da figueyra velha chegando á Praça disse uma velha regateira contra has outras: Quereis vós saber ho que ElRey com aquelles seus companheyros falou, dicerão ellas: Que falou? Falou, dice ella, como fossem furtar Santarem. ElRey em passando ouviu tudo, e vendo todos aquelles com que falara esta coisa hir comsiguo diante sem nunqua se apartarem delle, foy assy maravilhandose atée ho Paço, e como descavalgou chamoulhos todos, e disselhes: não atentastes no que disse aquella velha, certo se algum de vós se apartára de mim, eu cuydava que fora descuberto por elle, e lhe mandára por ello cortar a cabeça, sem o merecer.

«Depois desto fez ElRey prestes soomente hos seus continuos de sua casa, e alguns pouquos de Coimbra, com Guonçalo Gonçalves, e assim mantimentos que lhes abastassem, e antes que partisse foyse a ho Moesteyro de Santa Cruz fallar com aquelle devoto homem Prior do Moesteyro (S. Theotonio) em que elle tinha grande, e singular devoção, e encomendoulhe sua alma, e seu estado, assim como ouvesse de partir deste mundo, dizendolhe todo ho que tinha orde-

nado para hir fazer, e quando avia de ser, encommendou-lhe muito afincadamente que naquelle dia cõ seus amiguos roguasse ha Deus de vontade que ho quizesse ajudar naquelle feyto ha que hiam por seu serviço, e que esta couza tivesse em grande segredo.

«Então se partio ElRey huma segunda feyra nom sabendo ninguem para onde hião, salvo aquellas ha que ho comunicara, e levarão o caminho tam revessado, e encuberto que hos Mouros não ouveram novas delles, e vierão aquelle dia poer has tendas em Alfasar, esta foy ha sua primeyra jornada, a ho seguinte dia partirão, e forão dormir a Codornolos, e da ly mandou ElRey ha Martim Mohaz que fosse dizer aos Mouros de Santarem que elle levantava ha tregua da ly em diante, e que ha paz dantre si e elles fosse quebrada atée tres dias, que segundo o custume daquelle tempo, cada hum podia engeytar ha tregua ha seu imiguo quando lhe aprouvesse, com tanto que lho fizesse primeyro saber. Martim Mohaz foy, e depois de cumprir ho mandado que levava, tornou á quarta feyra ha Aldeguas, onde ElRey estava, ho qual partio da ly, e hindo pela serra Dalvardos acertouse que D. Pedro irmão bastardo del Rey, que fora jáa em França, hia fallando com elle dos muitos milagres que naquella terra Deus fazia pelo Abbade S. Bernaldo que então era vivo, e como Deus lhe outorguava toda couza que lhe pedia. [1]

«Então ElRey movido ha devoção pelas couzas que seu irmão assy contava, dice: Eu á honra e louvor de Deus, prometo que se me elle Santarem quizer dar, por sua piedade e pelos roguos do Bemaventurado S. Bernaldo, que vós dizeis, e eu lhe dee toda esta terra para a sua Ordem, quanta vejo daqui atée ho mar, e que faça hum moesteyro em que Frades da sua Ordem vivão a serviço de Deus, e por que ella seja mais acrescentada. E segundo conta huma Lenda de S. Bernaldo, tanto que ElRey fez este voto, loguo lhe ha elle foy revelado laa em Franca, onde estava esta promessa dElRey, e como avia de tomar Santarem a hos Mouros, e em como aquelle Moesteyro que ElRey prometera de fazer seria muito nobre, e abastado de todalas couzas, segundo depois foy, e hee aguora hum dos grandes e riquos moesteyros da sua Ordem que haa na Christandade.



Memoria do voto de D. Affonso Henriques na serra de Albardos

«Tanto que o abbade S. Bernaldo assi ouve esta revelação mandou loguo tangir a Cabido, e todos hos Monges juntos, lhes contou o que lhe fôra revelado, então todos cantando: Te Deum Laudamus, forão á Egreja dar graças a Deos, e mandarão loguo partir certos Monges para Portugal com livros da sua Regra e ordenãça, e hos que quizessem, viessem para ally, hos quaes em se começando a obra do Moesteyro, vierão hi ter, e tomarão posse pela ordem da Doacao que lhe ElRey fizera, começando hi de viver, segundo sua Regra com muito acrecentamento, ho qual ha N. Senhor aprouve fosse sempre depois, e aguora neste tempo.

«Na serra Dalvardos, que acima dicemos, esteve ElRey ha quinta feyra atée noyte, e dahi abalarão a ho serão andando toda a noyte, atée ha mata que está sobre Pernes, onde chegarão sexta feyra amanhecente, vespera de S. Miguel de maio sete dias andados do mes na era de 1147. annos. Entam concirou ElRey que era bem descobrir a todos seu desejo, e a ho que hião, feslhe uma falla desta maneira. etc». [1]

Eis como o chronista falla da jornada e voto de D. Affonso Henriques, sem todavia em sua prolixa descripção referir o numero dos guerreiros que acompanharam o monarcha, nem a tão historica memoria de que tratâmos.

Sobre o dia da partida de Coimbra, ha grande divergencia. Duarte Nunes diz: «ElRey partio de Coimbra, uma seguunda feira, que forão dous de Maio, em que foi dormir a Afafar, e na terça foi dormir a Codornellas, e na quarta á Aldêa das Pegas, e na quinta á Serra de Albardos, e na sexta feira em amanhecendo foi á mata de Pernes, e á noite aos olivaes de Santarem, e ao sabbado de madrugada que eram oito dias do mesmo mes escalou e tomou a Villa». São formaes palavras d'este auctor; e só onde entendo que se enganou, foi na conta dos dias, porque na segunda feira em que el-rei partiu de Coimbra eram tres do mez de maio e não dois, etc.

No frontispicio da ermida na Alcaçova de Santarem, está aberto em pedra, aos pés da estatua d'aquelle rei, o letreiro seguinte: — *El Rei D. Affonso Henriques, que esta terra tomou aos mouros em dia de S. Miguel, outo de outubro de* 1147. [2]

Sobre o numero de combatentes que acompanhavam D. Affonso, todos seguem o seguinte: «Partiu de Coimbra com 250 soldados bem exercitados na guerra dos Mouros». [3]

No mais relata o autor a jornada até á serra de Albardos, com pouca differença das antecedentes, bem como o voto alli feito.

Consultando *A Monarchia Lusitana*, esse archivo de antiguidades patrias, um dos melhores da nossa chronologia antiga, pela minuciosidade com que descreve os acontecimentos historicos, diz: «Na quinta feira madrugarão, e chegarão cedo á serra de Alvardos, aonde gastarão a maior parte do dia.» Seguindo anterior e posteriormente a mesma pagina da *Alcobaça Illustrada*, sem fallar do monumento que eu alli fui desenhar, e vae gravado por excellente buril no começo d'este artigo.

Em um dos seguintes numeros descreverei a situação, grandeza, conservação, e inscripções d'este arco triumphal.

(Continua) P. de C. e Sequeira

[1] D. Pedro Affonso nasceu em 1106, e era filho natural do conde D. Henrique, e de uma dama nobre. Tinha seis annos de edade quando seu pae falleceu. El-Rei D. Affonso Henriques, seu irmão, o fez educar no paço, dando-lhe por ayo D. Fuas Roupinho, alcaide-mór de Porto de Moz, e descobridor da muito conhecida e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Nazareth.

Acompanhou seu irmão em muitos recontros e batalhas, sendo, como elle, dotado de estatura gigantesca, e de um genio guerreiro, esforçado e destemido. Viajou e occupou altos cargos até que se recolheu ao mosteiro de Alcobaça, onde clausurado viveu treze annos, morrendo em 1167 com 67 annos de edade.

[1] Chronica de D. Affonso Henriques, cap. 24, 25 e 26.
[2] Historia de Santarem Edificada.
[3] Alcobaça Illustrada.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio